

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Cultura profissional e violência policial: uma discussão

Isaias Alves¹

1 Introdução:

Fenômeno típico de centros urbanos, a violência no Brasil desde a década de 1980 vem apresentando índices alarmantes. Esse aumento, respaldado por pesquisas acerca do tema realizadas em diversas capitais metropolitanas do país, é consequência de uma variável de fatores. Não existe, pois, uma leitura simplista da violência reduzindo-a a um contexto determinado de características. O conceito de violência, então, é polissêmico e “abrange uma série de comportamentos sociais cujas explicações se assentam em diferentes causas” (COSTA, 2004, p. 124a).

Pode-se dizer que a violência tem atributos de continuidade histórica, dotada de características acumuladas e podem ser vistas por meio de uma perspectiva histórica de longa duração (NEDER, 2001). Aliado a isso, Costa (COSTA, 2004a) apud Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme O’Donnell argumenta acerca

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito – UFF com graduação em Ciências Sociais pela UFES e Mestrando em Sociologia e Direito – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito - PPGSD – UFF. Pesquisador associado do Núcleo de Estudos Indiciários da Universidade Federal do Espírito Santo

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

do fato da violência ser institucionalizada e socialmente valorizada como forma de controle social, denominando tal visão de “autoritarismo socialmente implantado”.

Várias formas de violência surgem com o passar dos anos principalmente em se tratando de uma sociedade contemporânea denominada por alguns de imagética dotada de transformações estruturais. Assim, “novas e antigas formas de violência passam a compor o cotidiano da cidade”. (COSTA, 2004, p. 125a). Expande-se a partir de 1980 o tráfico internacional de drogas que tem, segundo Costa (COSTA, 2004a), condições favoráveis para sua expansão nas favelas e regiões urbanas por apresentarem grande mobilidade interna, um controle das vias de acesso e a ausência do Estado.

Nesse contexto de anomia social, embora o Estado esteja ausente em alguns âmbitos da sociedade contemporânea, controla os principais meios de coerção de determinados territórios e detém o monopólio legítimo do uso da força (WEBER, 2004). Encontra-se sob sua responsabilidade a segurança pública, representada, também, pela instituição policial. O surgimento das polícias modernas transformou, pois, a maneira de relacionamento do Estado com a sociedade.

A violência urbana contra a população civil em geral, é uma prática social que vem se intensificando nas últimas décadas pós 1980 no Brasil, e a instituição policial tem sido a agência dotada de legitimidade pelo Estado e envolvida nos conflitos sociais. É constante a divulgação de informações sobre episódios violentos envolvendo a polícia e os cidadãos comuns, onde a polícia, muitas vezes, procura resolver determinados conflitos por meio da força arbitrária, a fim de manter a “boa ordem”, culminando em uma violência institucionalizada.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

É parte destas análises a produção acadêmica que enfoca a violência policial como “objeto” estudo. É preciso, então, realizar uma interligação entre a constituição de um campo científico (BOURDIEU, 1989) e a polícia, compreendendo os estereótipos da organização policial e as modificações que ela vem promovendo na busca de uma linguagem que aproxime polícia e sociedade. É necessário fugir do senso comum acerca dessa instituição, não a tratando de forma simplória, pois seu conceito, ainda que pareça, não é óbvio.

A cultura policial será tomada como questão central para analisar a violência praticada pelos agentes em suas atividades ostensivas. Podemos dizer, outrossim, que o comportamento desses agentes alude sua cultura organizacional, pois a formação dos policiais é dotada de arbitrariedades, autoritarismos e preconceitos. A institucionalização de valores colabora, pois, para criar obstáculos à efetivação de mudanças na polícia.

2 A POLÍCIA SOB A ÉGIDE DE SUA CULTURA PROFISSIONAL

Bretas e Poncioni (BRETAS e PONCIONI, 1999) citam Skolnick como um autor clássico que desenvolveu as discussões acerca da existência ou não de uma cultura policial, onde tal autor analisa os seus principais traços. Tendo como base os conceitos de Skolnick (presença permanente do perigo e da autoridade policial) os estudiosos que aceitam a idéia de uma cultura policial baseiam-se em características como sendo comuns nas atividades dos policiais. No entanto, apesar dessas características serem vistas em muitos modelos de polícia, e defendidas por alguns teóricos, Reiner (REINER, 2004) argumenta que não devem ser tidas como monolíticas e sim como tipologias.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Bretas e Poncioni (BRETAS e PONCIONI, 1999) citando Buckner apresentam alguns elementos considerados por estes autores como comuns nas atividades da polícia, como a dissimulação, a solidariedade, a desconfiança, a astúcia e o conservadorismo. Afirmam não serem estes elementos determinantes dos comportamentos dos policiais, mas podem ser visíveis em seu trabalho diário.

As representações sociais compartilhadas pelos policiais na caserna transcendem ao sistema legal, pois incluem também as crenças, os preconceitos e os estereótipos produzidos na organização policial acerca do seu trabalho, torna-se, dessa forma, um saber compartilhado, não individual que é próprio dos policiais (BRETAS e PONCIONI, 1999).

Novamente citando Buckner, Bretas e Poncioni (BRETAS e PONCIONI, 1999) comentam os elementos da cultura policial citados por esse autor em “Policía y cultura”. O primeiro deles é a desconfiança e a dissimulação, pois consideram todas as informações como secretas. Nesse sentido, a dissimulação é um mecanismo de manutenção do sigilo dessas informações bem como uma forma de ocultá-las, circunscrevê-las, para que não sejam expurgadas. A informação na caserna é algo muito valioso aos policiais, pois é sinônimo de poder, conferindo-lhes status. “Fazer circular a informação é perder uma parte significativa de seu capital simbólico” (BRETAS e PONCIONI, 1999, p. 152).

No tocante à desconfiança, pode-se afirmar que os policiais têm uma visão padronizada sobre os civis como pertencentes a um lugar ruim e que, por conseguinte sempre lhes atrai prejuízos, por isso, os tratam com hostilidade. Durante o trabalho com os cidadãos e mídia, os policiais quando procurados utilizam as “estratégias de apresentação” (conceito de Peter Manning em *Police work*, Cambridge, MIT Press, 1997) onde lidam com maneiras

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

diferentes de tratamento conforme a classe social a que pertence o indivíduo, cor, gênero.

É nesse desenrolar de acontecimentos que o policial aprende a contar com o colega, a protegê-lo, ainda que não abra mão de seu saber. Trabalham em um “clima” solidário e dotado de conservadorismo ao negar a possibilidade de “transformação positiva” (BRETAS e PONCIONI, 1999).

Segundo Monjardet (MONJARDET, 2002) o termo “cultura profissional” é um princípio explicativo de condutas e retrata a importância dessa análise nas pesquisas sobre polícia. Para a análise da instituição policial, diferente de algumas outras profissões, é mister realizar uma pesquisa na qual haja um mergulho nos valores ali permeados, na “cultura”.

Monjardet, como Bretas e Poncioni, cita Skolnick como referência na literatura sobre a organização policial, principalmente na obra desse último “Justice without trial”. Para Monjardet J. K. Skolnick “estabeleceu um paradigma” (MONJARDET, 2002, p. 163) e posteriormente foi utilizado por outros autores.

Monjardet, fazendo referência a Skolnick, em seu livro “O que faz a polícia”, diz o seguinte:

Como os militares, os policiais enfrentam o perigo; como os professores, devem construir uma relação de autoridade com seu público; como todo trabalhador, têm a preocupação com a eficácia de sua ação; mas só eles combinam esses três elementos em sua situação de trabalho.” (MONJARDET, 2002, p.163).

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

De acordo com Monjardet, dessas preliminares sobressaem como conseqüências algumas características compartilhadas pelos policiais. Desses traços comuns pode-se citar a onipresença da suspeita em relação aos civis, o isolamento social resultado da relação conflituosa entre polícia e os outros cidadãos e que por meio de uma solidariedade entre os parceiros de trabalho tentará recuperá-la. Além do conservadorismo intelectual, político e social, o machismo, a generalidade dos preconceitos.

No entanto, a “cultura profissional” dos policiais é suscetível a críticas. Alguns teóricos defendem a diversidade, a heterogeneidade no meio profissional da polícia e não aceitam a existência de uma cultura comum, argumentam que tal análise baseia-se em etnocentrismo, havendo a intenção de se universalizar a problemática da cultura.

Muitos criticam a concepção universalista de Skolnick, como a questão do perigo nas ações da polícia. Os comentários de Monjardet vão de encontro à concepção padronizada específica do paradigma skolnickiano, todavia não nega a existência de uma cultura profissional policial ou a “dissolvê-la na subjetividade das expectativas individuais” (MONJARDET, 2002, p. 165) e defende uma nova concepção empiricamente melhor fundamentada e teoricamente mais sólida.

É nesse contexto que Monjardet cita uma pesquisa realizada pela Interface na França no conjunto da corporação policial deste país em 1982 com cerca de 110 mil policiais, os estudos da Interface “põem em evidência não os atributos comuns a todos os policiais, mas as dimensões comuns sobre as quais eles se dividem” (MONJARDET, 2002, p. 166). De acordo com essa pesquisa, conforme a formação profissional desses agentes há a presença de

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

um núcleo de estereótipos e de uma concepção plural entre a relação com a lei e com o outro.

De acordo com Reiner, a cultura policial pode ser utilizada a fim de se analisar a visão de mudança social do policial e seu papel nele. Segundo Reiner, apesar disso, deve-se fazer uma distinção entre a “cultura policial”, ou seja, as orientações tidas e expressas pelos policiais durante o percurso de seu trabalho, da chamada “cultura cantineira” que são os valores e crenças da socialização e localizadas de modo exterior ao cumprimento do dever. Destaca que a cultura policial não pode ser simplesmente identificada com atitudes da polícia.

Reiner citando o Oxford English Dictionary expõe o significado “antropológico” de cultura como: “todo o modo de vida de uma sociedade: suas crenças e idéias, suas instituições e seus sistemas, suas leis e costumes.” Srouf (SROUR,1998) considera cultura como equivalente à dimensão simbólica. A cultura é aprendida, transmitida e partilhada, porém não é decorrente de uma herança biológica, é um saber compartilhado, construído socialmente em um grupo social, onde todo o conjunto de normas, valores é reconhecido como “natural” (SROUR, 1998). As pessoas podem criar suas culturas próprias, mas não sob condições que elas mesmas escolham. (MARX apud REINER, 2004).

Cada sociedade possui suas maneiras de agir, pensar e sentir o que leva a um estranhamento quando indivíduos de sociedades diferentes encontram-se, culminando no denominado etnocentrismo.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Numa organização a cultura ali presente cimenta todos os indivíduos de acordo com os valores, crenças, normas, objetivos, modos de agir. A cultura organizacional representa, então, a identidade da organização.

É nesse sentido, também, que se pode falar em cultura de polícia. Entretanto, não se pode atribuir a ela um caráter monolítico, pois existem subculturas ali permeadas que no interior da “cultura maior” baseia-se nas especificidades de cada policial, sua biografia, história, a própria hierarquia e especializações existentes. Assim, ao contrário do que pensam Skolnick, Reiner acredita que os estilos organizacionais e as culturas das forças policiais variam e não são monolíticas, nem universais e nem imutáveis, são plurais.

3 Conclusão

Após o último regime ditatorial brasileiro de 1964, a polícia foi a única instituição nacional não reformulada o que reflete em prejuízos tanto para a referida instituição quanto aos civis os quais sofrem a ação de profissionais capacitados para lidarem num outro contexto social em que a discriminação racial, a tortura, a extorsão, a humilhação eram freqüentes, pode-se dizer também que a violência policial tem suas origens anteriores a esse período: desde o Brasil colônia e nunca priorizou a população e sim almejando assegurar privilégios às classes dominantes.

Podemos dizer, outrossim, que o comportamento desses agentes reflete sua cultura organizacional, pois a formação dos policiais é dotada de arbitrariedades e bastante carregada de autoritarismos e preconceitos.

Sabemos que estamos inseridos numa sociedade em que há uma cultura da violência proveniente, principalmente, dos meios de comunicação os quais

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

incentivam a sua prática. Nesse contexto, é muito complexo falar em medidas em curto prazo a fim de amenizarem tal quadro gerador de vulnerabilidades sociais, a mudança pode ser possível, todavia, será um processo bastante lento, trata-se de uma mudança de cultura a qual pode ser iniciada a partir da educação. Assim, é preciso mudar não apenas a formação, a forma de pensar dos policiais, mas também a da população que aceita a polícia dessa forma aceita, ainda, a tortura, os linchamentos “o olho por olho e o dente por dente”.

Portanto, o quadro de excessos cometidos por policiais em suas atividades junto ao Estado é uma questão extremamente complexa e requer uma especial atenção das autoridades competentes e dos estudiosos no assunto, a mudança é possível, mas não é simplória, precisa de iniciativas.

As mudanças na polícia são possíveis, mas não fáceis, pois se tratam de valores institucionalizados e transmitidos por gerações durante anos. É preciso haver uma maior integração entre a comunidade, a própria polícia e o campo científico – as universidades e os centros de pesquisa para um exercício efetivo de cidadania.

REFERÊNCIAS :

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Lisboa, Portugal: Difel, 1989.

BRETAS, Marcos Luiz; PONCIONI, Paula. Cultura policial e o policial civil carioca. In: PANDOLFI, Dulce Chaves; CARVALHO, José Murilo de; CARNEIRO, Leandro Piquet; GRZYNSZPAN, Máriio et alii (Orgs). Cidadania, justiça e violência. FGV, 1999. p. 117-178.

Estudos do Trabalho

Ano I – Número 1 - 2007

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

COSTA, Arthur Trindade Maranhão. Entre a Lei e a ordem: Violência e reforma nas polícias do Rio de Janeiro e Nova York. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004a.

MONJARDET, Dominique. O que faz a polícia: Sociologia da força pública. São Paulo: EDUSP, 2003. (Série Polícia e sociedade). Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros.

NEDER, Gizlene. Absolutismo, controle social e punição ou prato do dia: Bastille à moda brasileira. Dimensões: Revista de História da UFES. Vitória, v. 12, n. 12, p. 213-228, jan/jun 2001.

REINER, Robert. A política da polícia. São Paulo: EDUSP, 2004. (Trad. de Jacy C. Ghirotti e Maria C. P. Da C. Marques).

SROUR, Robert Henry. Poder, cultura e ética nas organizações. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

WEBER, Max. In.: _____. Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora da UnB. 4. ed. (Trad. Regis Barbosa e Karen Elisabet Barbosa).